

A CDZINHA GRÁVIDA
E OUTRAS HISTÓRIAS

A CDZINHA GRÁVIDA E OUTRAS HISTÓRIAS

Contos da crossdresser
Lucia Millet

São Paulo
2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M592c

Millet, Lucia.

A cdzinha grávida e outras histórias / Lucia Millet. – São Paulo, SP: ArteSam Editora, 2020.

232 p. ; 21 cm

ISBN 978-65-86100-55-6

1. Ficção brasileira. 2. Contos. 3. Crossdressing. 3. Travesti.
4. Transexual. I. Título.

CDD: B869.3

**Ficha catalográfica elaborada por
Débora Soares Vicente de Santana – Bibliotecária CRB-9/1914**

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção brasileira: Contos

B869.3

Copyright © Lucia Millet
Copyright © Lucia Millet Cross

Todos os direitos reservados

www.facebook.com/lucia.millet.12

luciamilet@hotmail.com

luciamilet.blogspot.com

SUMÁRIO

A Cdzinha Grávida,	11
Michelle Travesti,	19
Vovó Esmeralda,	39
Coisas de Menina,	61
Meu Primo Gustavo,	77
O Primeiro Namorado,	93
Sozinha Na Cidade Grande,	111
A Transição (parte 1),	131
A Transição (parte 2),	151
Um Amor,	171
A Primeira Calcinha a Gente Nunca Esquece,	187
Troca-troca,	197
As Férias de Meus Sonhos,	213

PREFÁCIO

Os contos que compõem este livro são versões revisadas e refinadas dos originais publicados pela crossdresser Lucia Millet no blog que mantém desde 2013 **luciamillet.blogspot.com**. Nessas narrativas predominam personagens crossdressers, travestis e transexuais, tipos humanos que diferentes de maneiras trafegam entre o masculino e o feminino.

As crossdressers — ou cdzinhas como chamamos aqui no Brasil — são homens que sentem prazer em se vestir de mulher, geralmente às escondidas, como uma espécie de vício solitário. Há, porém, crossdressers que se reúnem, saem à rua montadas e até vão a baladas. As cdzinhas se diferenciam das transexuais e travestis porque não usam roupas femininas o tempo todo, costumam levar uma vida normal como homens e até são casados. As estatísticas mostram que a maioria deles não é gay, não sentem atração por outros homens, o que comprova que a identidade de gênero e a orientação sexual são coisas distintas. Mas há também na comunidade uma grande porcentagem crossdressers homossexuais ou bissexuais, que tem até mais visibilidade. E há ainda o caso daqueles que iniciam a vida como crossdressers e depois “evoluem” para transexuais, como se o uso temporário de roupas e adereços femininos não mais bastasse.

Dentro da comunidade LGBT o crossdressing é considerado um fetiche e não uma opção sexual como gays, lésbicas e bissexuais, muito menos uma identidade de

gênero, como as transexuais. As cdzinhas não se encaixariam então em nenhuma das letras da sigla quando heterossexuais — a não ser como simpatizantes — e quando gays ou bissexuais já teriam suas próprias letras. No entanto, em seus contos, Lucia Millet parece ver uma continuidade entre o universo das cdzinhas, das travestis e das transexuais, como se fossem graduações de um mesmo fenômeno. Nessas histórias uso de roupas femininas conduz sempre aquele que se traveste a manter relações homossexuais ou a se tornar travesti ou transexual, o que parece não ocorrer na vida real.

Suas personagens são em geral pessoas muito jovens, perto do despertar da sexualidade e da descoberta de suas verdadeiras inclinações. A descrição das relações sexuais e o fetiche pelas roupas femininas são uma constante nessas narrativas que, no entanto, têm a pretensão de fugir da pura pornografia, tão comum entre as crossdressers que escrevem na rede, para fazer algum tipo de literatura.

Com exceção do conto “Coisas de Menina”, as relações são todas homossexuais, com a ressalva de que como crossdressers, travestis e transexuais aqui são passivas, acaba predominando certo heterossexualismo, já que os papéis de macho e de fêmea estão sempre bem definidos. Como disse Lucia Millet numa antiga postagem nas redes sociais:

*Para mim a relação sexual
deve ter sempre o menino e a
menina. Mesmo que a menina
não seja realmente menina.*

Este livro foi planejado para que os contos estivessem na ordem inversa, isto é, primeiro os mais recentes depois os mais antigos. Esse ordenamento, porém, não pôde ser seguido à risca porque como alguns contos são continuações de outros, eles precisaram vir depois para que os fins não ficassem antes dos começos. O conto “A Primeira Calcinha a Gente Não Esquece”, apesar de ter sido escrito mais recentemente, era um projeto antigo e por isso foi colocado na parte final, junto com “As Férias de Meus Sonhos” e “Troca-troca”, com os quais tem parentesco.

NOTA: **Cross-dressing** (abreviado como CD e daí vem o termo "cdzinha" usado no Brasil), é uma palavra inglesa que significa “vestir ao contrário” e se refere àqueles que usam roupas ou acessórios associados ao gênero oposto por várias razões: para vivenciar outra faceta de sua personalidade, por motivos profissionais (atores, transformistas e *drag queens*) ou para obter prazer sexual. “Crossdresser” é sinônimo “travesti”, palavra que no Brasil tem uma conotação diferente, se aplica a pessoas nascidas com sexo masculino e que passam o tempo todo vestidas como mulher, geralmente exercendo a prostituição, e fazem aplicações de silicone e cirurgias para ficar com o corpo mais feminino, mas que não sentem desejo de mudar de sexo. Já as transexuais têm *disforia de gênero*, não se identificam com o sexo com o qual nasceram, às vezes desde muito criança, e buscam se adequar ao sexo psicológico com terapias e cirurgias, inclusive com a cirurgia de readequação sexual.

A Cdzinha Grávida

Este conto foi baseado no depoimento que professora transexual HERBE DE SOUZA SILVA deu ao Museu da Pessoa.

Naquela época eu tinha uns onze anos. Tempos antigos, década de sessenta — não queria revelar o quanto sou velha. Não havia muita conversa sobre sexo. Na TV o assunto era proibido e na escola não tinham começado ainda a dar aulas de educação sexual. Descobri minha sexualidade sozinho e não sei por que comecei pelo cu. Enfiava o dedo molhado com saliva e imaginava que eu era mulher sendo penetrada e fantasiava mil histórias. Meu pau ficava duro enquanto me masturbava pelo cu, mas eu não mexia nele, e quando gozava — ainda sem ejacular — era avisado pelas contrações no cu e uma sensação estranha me avisava que era hora de parar, o que me deixava decepcionado, por mim eu ficaria muito mais tempo fazendo aquilo. A descoberta de que poderia ter prazer movimentando o pênis com a mão só veio mais tarde, juntamente com fantasias masculinas de possuir as mulheres. Mas mesmo nesta fase, continuava sentindo um prazer de enfiar as cuecas no meu rego e de me olhar no espelho. Quando tinha alguma calcinha disponível era melhor ainda, ficava excitadíssimo com a imagem da minha bunda com a calcinha enfiada no rego, e olhem que ainda não tinha começado a moda do fio-dental.

Paulo e eu morávamos na mesma rua e brincávamos

juntos. Naquela época não existiam videogames, celular ou computador, nós jogávamos futebol, bola de gude, empinávamos pipas. De vez em quando Paulo arranjava umas revistas de sacanagem que pegava de seu irmão mais velho. A gente via as revistinhas, ficava com o pau duro e depois batia uma. Aquelas revistinhas desenhadas com histórias pornográficas exerciam um verdadeiro fascínio sobre nós e despertavam nossas imaginações. Revistas mais realistas com fotos de sexo e filminhos pornôns ainda estavam muito longe de nós.

Um dia fui à casa de Paulo ver algumas revistinhas de sacanagem. Ficamos os dois muito excitados e, aproveitando que não tinha mais ninguém na casa, resolvemos fazer um troca-troca, quer dizer, não era bem um troca-troca porque só eu ia dar a bunda. Não sei por quê aquela divisão parecia mais natural. Paulo era um pouco mais velho que eu e mais atirado, enquanto eu era tímido. Combinamos que da próxima vez inverteríamos os papéis e eu comeria a bunda dele. Paulo sugeriu mais uma brincadeira:

— Olha, Marcelo, aqui em casa tem uma caixa com roupas que eram da minha prima. Aquela gostosa. Tem calcinha, sutiã, um monte de coisas. Você podia vestir as roupas dela. Só para fazer de conta.

A proposta era tentadora. Fiquei mais excitado ainda lembrando das calcinhas que eu vestia escondido em casa.

— Deixa eu ver as roupas primeiro — pedi.

Fiquei encantado quando vi as coisas que estavam na grande caixa de papelão que Paulo trouxe. Chamou a atenção de cara um conjuntinho de calcinha e sutiã cor-de-rosa.

— Este conjunto é lindo — eu disse.

— Veste para ver como fica em você — sugeriu Paulo.

Tirei minha roupa, vesti a calcinha e o sutiã e corri para frente do grande espelho que havia na porta do guarda-roupa. O conjuntinho ficou perfeito no meu corpo, bem do meu tamanho. Para fazer o volume dos seios, coloquei pés de meias enrolados dentro de cada um das taças.

— Você fica parecendo uma menina — exclamou Paulo.

Depois de me olhar bem no espelho, de frente e de costas, voltei para a caixa de roupas para procurar mais coisas. Escolhi uma minissaia branca de malha, bem curtinha e justa, e uma blusinha azul-claro de alças. Vesti e corri novamente para frente do espelho. Era a primeira vez que eu vestia uma roupa completa de mulher, até então só me interessava pelas calcinhas. A saia apertada destacava minha bunda empinada e a blusinha com o sutiã por baixo dava impressão que eu tinha seios de verdade e ainda deixava as alças do sutiã à mostra.

— Nossa, você ficou bem gostosinha! — exclamou Paulo.

— Se eu deixasse os cabelos mais compridos ficaria ainda melhor. — Foi a única coisa que consegui dizer, fascinado com minha imagem no espelho.

— Vamos transar, Marcelo? — disse Paulo aproximando-se de mim.

— Espera um pouco, Paulo. Deixa eu me ver melhor — respondi.

— Eu já estou louco de tesão — disse ele aflito.

Eu também estava com tesão, meu pau duro estufava

a calcinha e fazia volume na parte da frente da saia.

— Está bem, vamos — concordei finalmente.

Fomos para a cama. Tirei a blusinha, a saia e a calcinha, fiquei apenas com o sutiã e me deitei de bruços na cama enquanto Paulo lubrificava o pau com vaselina, que era o que tínhamos ouvido dizer que as pessoas usavam para transar.

— Você não vai tirar isso — perguntou Paulo referindo-se ao sutiã.

— Não. Quero ficar com ele — respondi.

Pouco depois Paulo estava deitando-se sobre mim. Um arrepio percorreu meu corpo quando senti o pau dele, duro e quente entre as minhas nádegas. Pouco depois ele achou a entrada do meu cu e começou a me penetrar.

— Ai! Está doendo! — exclamei.

— Quer que eu tire um pouco? — Paulo perguntou.

— Tira — pedi.

Ele tirou a parte pau que já tinha entrado no meu cu. Senti um alívio imediato, mas continuava com o desejo de ser comido, não queria que aquilo acabasse pela metade. Após uma pausa, pedi.

— Põe de novo, Paulo. Mas devagar, tá?

— Pode deixar, eu vou por só a cabecinha — disse Paulo e logo em seguida senti o pênis dele novamente forçando entrada do meu cu e pouco depois estava me penetrando.

— Ai — exclamei.

— Está doendo?

— Um pouco, mas dá para aguentar. Pode deixar ele ficar — respondi.

Paulo começou o movimento de ir e vir. Senti o pau

dele se movimentando dentro de mim. Meu cu ainda ardia, mas a sensação era boa, uma espécie de realização, finalmente estava fazendo sexo.

— Pode pôr mais — pedi.

Paulo enfiou seu pau até a metade em mim e continuou com o movimento de ir e vir, agora mais rápido. Eu também me movimentava sem parar, virava a cabeça, rebojava. Sentia a respiração ofegante de Paulo na minha nuca, o ruído de nossos corpos se esfregando e se chocando, enquanto o pau dele se movia dentro de mim cada vez mais rápido. Torcia para que ele demorasse bastante para gozar, aquilo era bom demais. Acabamos gozando quase ao mesmo tempo.

No dia seguinte tudo normal, meu cu nem ardia mais. Então veio na minha cabeça a ideia de que eu podia estar grávida, de que eu estava grávida! Era um final de semana prolongado, tinha caído um feriado na sexta, e eu não conseguia parar de pensar naquilo. *Meu Deus, eu estou grávida!* Eu sabia que as pessoas ficavam grávidas depois de transar, mas não tinha muitos detalhes. Eu dei a bunda para o Paulo, logo devia estar grávida. Agora como é que vai ser? E depois, por onde é que o bebê ia sair? Pelo meu cu certamente. Mas se o pau do Paulo que não era tão grande já tinha ardidido, imagina uma criança saindo?!

Pior que não havia ninguém para eu perguntar. Quer dizer, podia falar para minha mãe, mas estava tão certa da minha gravidez que achei melhor não entrar no assunto com ela. Amigos, vizinhos... Não tive coragem de falar com ninguém. E ainda toda a família de Paulo ti-

nha ido passar o final de semana prolongado fora da cidade. Se Paulo estivesse ali, na certa iria falar com ele, afinal ele que ia ser o pai da criança.

Ai, meu Deus, sentia calafrios e o coração batendo mais forte só de pensar naquele filho que tinha dentro de mim. E ter de guardar o segredo, sem poder falar com ninguém, só aumentava a minha agonia. No final todos iam ficar sabendo que eu estava grávida, não ia dar para esconder minha barriga crescendo cada vez mais. E meus pais? Na certa iam querer saber quem era o pai da criança. A gravidez tornava público meu segredo mais íntimo, todo mundo ia ficar sabendo que eu tinha dado a bunda para o Paulo.

À noite demorava a pegar no sono, no escuro do quarto não conseguia parar de pensar naquilo. Havia uma criança dentro de mim, esperando para nascer. Apalpava a barriga para ver se sentia algum movimento estranho. E depois, o que ia fazer com a criança? Na certa eu ia ter de criar. Nem me importava se seria menino ou menina, era uma criança, chorando, tendo que trocar fraldas, dar mamadeira, ninar para dormir, levar no posto de saúde para tomar vacina. De repente um pensamento ainda mais terrível veio a minha mente. Será que meus peitos iam crescer como o das mulheres para que eu pudesse amamentar o bebê? Não podia acreditar que aquilo estava acontecendo comigo!

Eu me sentia culpado, a minha gravidez devia ser um castigo de Deus. Bem feito, para eu aprender a não me vestir de mulher nem dar a bunda. Um menino não devia fazer essas coisas, isso é coisa de menina, se vestir de mulher e dar a bunda. Se eu fosse mais homem, nada disso teria acontecido. Quem manda ser sem-

vergonha? É, sem-vergonha mesmo, porque eu tinha adorado a transa com o Paulo. *Deus, por favor, me ajude! Se você me livrar dessa, prometo que nunca mais me visto de mulher nem dou a bunda.*

Na segunda-feira, assim que cheguei à escola, corri para a biblioteca. Apesar de não termos aulas de educação sexual, havia alguns livros na biblioteca sobre o assunto. Com vergonha pedi um livro desses para a atendente, já prevendo que ela fosse se recusar a entregá-lo a mim porque falava sobre sexo. Mas não, pouco depois eu estava sentando em uma das mesas com o livro na mão. Ele tinha várias ilustrações, não mostrava nenhum ato sexual, mas havia desenhos de homens e mulheres nus, mostrando como eles eram por dentro. Fui direto para a parte que me interessava: como eram geradas as crianças e como elas nasciam. Comecei a ler. Logo percebi que o livro só se referia à gravidez das mulheres e o nenê depois de nove meses sai pela boceta delas. E havia até um desenho de uma mulher com o bebê dentro da barriga. Só as mulheres podiam ter filhos, homens não. Pronto, eu estava livre, foi como se um grande peso saísse de cima de mim. Deixei a biblioteca leve como uma pluma.

Naquela tarde, encontrei-me com Paulo novamente. Era a primeira vez que a gente conversava depois da transa que tivemos. Não falei nada do terror pelo qual tinha passado no fim de semana pensando que estava grávido. Agora que tudo tinha passado a coisa toda me parecia tão ridícula que sentia até vergonha de contar.

— Marcelo — disse Paulo, — eu escondi aquelas

roupas da minha prima que você usou. Quando você quiser, pode ir lá em casa e vestir de novo.

— Para você comer a minha bunda de novo, né? — eu disse — Nesse nosso troca-troca só eu é que levo vara.

— Você parecia que estava gostando — ele respondeu Paulo sorrindo e completou: — Você ficou uma gracinha com aquelas roupas. Comigo não ia ser a mesma coisa.

Adorei o elogio. Não podia negar que as roupas da prima dele tinham ficado lindas no meu corpo.

— Olha, se você quiser — prosseguiu Paulo — amanhã não vai ter mais ninguém em casa. Você podia ir lá de novo.

A proposta era tentadora. Só de pensar em vestir aquelas roupinhas outra vez e dar a bunda, meu pau tinha ficado duro. Pelo jeito o nosso troca-troca ia continuar de mão-única, eu dando e Paulo me comendo. Imediatamente abandonei a promessa que tinha feito de não me vestir mais de mulher nem dar a bunda. *Deus, desculpe, minha gravidez foi um engano. A promessa não está valendo, tá?* E já que não havia perigo de eu engravidar, por que não aceitar?

— Está bom — respondi —, amanhã eu vou lá com você.

19/07/2019

Michelle Travesti

Dedico essa narrativa a uma travesti bonitinha que morava num cortiço perto de casa e que eu via passar da janela do meu apartamento.

Talvez eu seja feio ou desinteressante ou quem sabe as duas coisas, não sei. As mulheres nunca se interessaram muito por mim. Quer dizer, algumas até se interessaram, mas Deus me livre! Vivo sozinho, vou ser sempre sozinho, vou morrer sozinho. No final das contas não é tão ruim assim, pelo menos eu me dou bem comigo mesmo. Não tenho amigos, apenas conhecidos e colegas de trabalho. Meu salário me permite pagar o aluguel e o condomínio de uma minúscula quitinete nesse edifício decadente onde vivo cercado de garotas de programa, traficantes, viados e travestis. Pelo menos aqui tenho meu cantinho onde posso ficar sozinho, assistir à televisão, guardar minhas coisas. Não me meto na vida de ninguém, ninguém se mete na minha. Vivo bem aqui.

Um dia estava chegando em casa com as sacolas do supermercado na mão, parado diante da porta do apartamento tentando pegar as chaves do fundo do bolso, quando ela apareceu. Veio pela porta de incêndio que liga meu bloco ao outro bloco, onde havia outras oito quitinetes.

— Por favor, me ajude, querem me matar! Estão

vindo atrás de mim! — disse desesperada.

Eu podia ter dito que não, que ela sumisse daqui, que eu não queria me meter em confusão. Mas não sei por que terminei de destrancar a porta e deixei que ela entrasse. Cabe aqui uma explicação: ela não era realmente ela, quer dizer, ela era uma das travestis que moravam no mesmo andar, mas no outro bloco. Também não era uma total desconhecida para mim, já a conhecia de vista, tinha encontrado com ela várias vezes no saguão e no elevador — quando o elevador do nosso bloco estava quebrado, tínhamos que usar o elevador do outro bloco e vice-versa. — Também não posso negar que olhei para ela e acho que ela percebeu que eu admirava suas formas, porque me deu um sorriso e depois disso todas as vezes que se encontrava comigo me lançava um olhar provocante. Das travestis que moravam no prédio era a única que eu achava bonita. Não era grandalhona como as outras, magra, sem seios, mas com um bumbum empinado, onde devia haver uma boa quantidade de silicone.

— Olha, a culpa não foi minha. Nós brigamos. Elas me atacaram. Eu só me defendi — disse Michelle já dentro do meu apartamento.

Eu já ouvira as outras travestis a chamarem de Michelle, por isso sabia o nome dela, ou pelo menos o nome que ela usava.

— Senta aí um pouco — disse eu apontando o sofá que também servia de cama para mim. — Fique calma.

Michelle se sentou. Ela estava sem maquiagem e parecia menos feminina, mas ainda continuava bonita. Os volumosos cabelos pretos — que depois descobri serem em parte aplique — cobriram o rosto dela quando abai-

xou a cabeça, e depois quando a ergueu novamente num movimento brusco, jogando os cabelos para trás, percebi que estava chorando.

— Elas morrem de inveja de mim porque eu ganho muito mais do que elas. Para mim não faltam clientes. — E completou depois de uma pausa. — Agora não sei o que vai ser.

Eu podia ter ficado calado, realmente sou de falar pouco, mas senti necessidade de dizer alguma coisa para preencher o silêncio.

— O que aconteceu? — perguntei.

Enquanto Michelle me contava a história eu observava suas coxas dentro do vestido de malha azul-claro curtíssimo, um vestidinho velho, já meio desbotado, que devia ter conhecido dias melhores e que agora era usado apenas dentro de casa, mas que ainda continuava sexy. Fiquei sabendo que tinha havido uma briga na quitinete que ela dividia com outras duas travestis, por dinheiro, por ponto de prostituição, por inveja, por um monte de coisas, e que Michelle para se defender das outras, que além de serem duas eram bem maiores, deu uma facada em uma das travestis, uma tal de Jéssica. Pronto, aí estava eu com uma assassina dentro do meu apartamento. No desespero ela saiu só com a roupa do corpo, pensou em chamar o elevador, mas acabou vindo parar no outro bloco, onde deu de cara comigo.

— Calma! Vou ver o que aconteceu — eu disse assim que ela terminou de contar a história.

Desci à portaria. Lá já se havia juntado uma pequena multidão de curiosos. Uma viatura de polícia chegou com a sirene ligada e parou na entrada, ainda com as luzes da capota piscando. Logo depois a porta do eleva-

dor se abriu e saíram duas travestis abraçadas. Uma delas, que devia ser a tal de Jéssica, com a roupa encharcada de sangue na altura do estômago. A outra travesti a amparava.

— Abram caminho, ela precisa de socorro urgente — gritou a travesti que conduzia Jéssica.

As duas passaram. O próprio carro da polícia levou a ferida para o hospital, porque a ambulância ia demorar muito. *Pelo menos não foi tão grave, pensei, a outra travesti não morreu.* Tive vontade de ficar ali um pouco mais para saber de detalhes, mas fiquei com medo de que minha repentina curiosidade, partindo de alguém tão reservado como eu, despertasse suspeitas. Voltei ao apartamento e dei a Michelle a notícia de que Jéssica não havia morrido — pelo menos ainda não — e que a levaram para o hospital.

— Graças a Deus! — disse Michelle levando as mãos para o alto.

O vestido curtinho levantou-se com o movimento dos braços e pude ver que ela usava uma calcinha fiorental preta por baixo. Apesar da situação tensa, não pude deixar de ficar excitado com aquela visão, mesmo que na parte da frente da calcinha o pênis e o saco de Michelle fizessem um certo volume.

— A polícia está lá em baixo. Chegaram mais viaturas. É melhor você ficar por aqui enquanto a coisa esfria — sugeri, pensando comigo mesmo que agora que ela já estava dentro do meu apartamento o melhor era que ela ficasse mais um pouco, afinal eu era uma espécie de cúmplice.

— Obrigada — disse Michelle.

Havia um descompasso entre a imagem feminina de

Michelle e sua voz rouca que, mesmo com a entonação efeminada, soava masculina. Toda a vez que ela falava eu me lembrava que ela não era uma mulher de verdade e sim um homem vestido de mulher.

— Vou ligar a televisão — disse com a intenção de distraí-la.

Não estava acostumado a receber visitas em casa, ninguém nunca me visitava, procurei ser o mais gentil possível. O televisor acabou se mostrando uma excelente ideia, Michelle ficou imóvel diante do aparelho, absorvida pelas imagens que saíam da tela, sentada com as pernas bem juntas e as mãos no colo.

Fui para a cozinha, quer dizer, aquele corredorzinho da quitinete que chamavam de cozinha, onde cabiam apenas a pia e o fogão de duas bocas e alguns armários no alto — a geladeira tinha de ficar na sala —. Eu não tinha o hábito de jantar, comia apenas um lanche à noite, mas agora com visita resolvi cozinhar um arroz rápido, abri uma lata de salsichas ao molho. Quando voltei pra a sala com os dois pratos feitos e talheres para mim e para Michelle, o primeiro impulso dela foi recusar.

— Não, não precisa se incomodar — ela disse.

— Por favor, eu fiz para nós dois.

Não precisei insistir muito, ela pegou o prato e começou a comer com os olhos pregados no televisor. Naquela hora passava a novela das sete, bem água-com-açúcar, o que para mim era indiferente, porque eu odiava todas as novelas, das seis, das sete e das oito. Comemos em silêncio, apenas nos intervalos comerciais trocávamos algumas palavras.

— Não sei como posso agradecer — disse Michelle.

— Obrigado por me deixar ficar um pouco aqui. Mais